

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

O GÊNERO NARRATIVO NO ANTIGO TESTAMENTO: O CASO DE 'EBEN HĀ'ĒZER

Me. Rawderson Rangel
Dr. Antônio Renato Gusso
Ma. Rosângela S. B. Gonçalves

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

O GÊNERO NARRATIVO NO ANTIGO TESTAMENTO: O CASO DE 'EBEN HĀ'ĒZER

The narrative genre in the Old Testament: The 'eben hā'ēzer case

Me. Rawderson Rangel¹

Dr. Antônio Renato Gusso²

Ma. Rosângela S. B. Gonçalves³

¹ Natural do Rio de Janeiro (RJ), Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (atual Faculdade Batista do Rio de Janeiro), RJ, Brasil, revalidado pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, em Curitiba (atual FABAPAR), PR, Brasil; Pós-graduado em Antigo Testamento também pela FABAPAR, PR; Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Cursos Hebraico Bíblico acreditado pela Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel e Grego Bíblico pela Israel Biblical Institute of Studies. Escritor, professor de Teologia e idiomas bíblicos, missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira - JMM da CBB, em Moçambique. Atualmente é professor do Instituto Teológico Batista da Beira, Sofala e Instituto Bíblico de Sofala – Moçambique. E-mail: rawderson@hotmail.com.br.

² Natural de Curitiba (PR), Mestre e Doutor em Ciências da Religião, Mestre, Doutor e Pós-doutor em Teologia. Escritor de vários livros, entre eles Gramática Instrumental do Hebraico. Professor e Pró-reitor nas Faculdades Batista do Paraná; professor na Faculdade Batista Pioneira (RS) e na Piedmont International University (EUA). E-mail: renatogusso@hotmail.com.

³ Natural do Rio de Janeiro (RJ), concluiu seu curso teológico pelo Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro. Bacharel em Letras, português-hebraico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e em Pedagogia pela mesma Instituição. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Especializou-se em Shoah (questões sobre o Holocausto judaico) e Hermenêutica da Torá pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Presta assessoria docente às Universidades Simonsen e Estácio de Sá na área do hebraico e grego bíblicos, além de lecionar em seminários no Brasil e no Japão. É professora contratada de Hebraico, Grego e Torá do Rosen Biblical Institute, em Israel, ministrando aulas online. E-mail: rosasbg@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo analisa de maneira sincrônica o gênero literário narrativo no episódio da derrota e vitória do povo de Israel nas passagens bíblicas de 1Samuel 4 e 7, observando a semelhança entre narrativas de capítulos diferentes desse livro. Faz também uma aplicação das características literárias do gênero narrativo, que eram bastante diferentes na cultura e literatura hebraicas. Através desta análise é possível concluir que há uma relação direta entre as passagens bíblicas em que se menciona o termo *'eḇen hā'ēzer*, embora o sentido a ser aplicado nas mesmas seja bastante diferente. Trata-se também de um episódio que inaugura o ministério de Samuel junto ao povo, consagrando-o como o grande líder espiritual, um homem que resgatou a fé e a devoção do povo ao Senhor.

Palavras-chaves: Bíblia. Hebraico. Gênero narrativo. 1Samuel 4 e 7.

18

ABSTRACT

The present investigation analyzes from the synchronic perspective the literary narrative genre in the episode of defeat and victory of the people of Israel in 1Samuel chapter 4 and chapter 7, observing the similarity between narratives of different passages of this book. It also makes an application of the literary characteristics of the narrative genre, which were quite different in Hebrew culture and literature from nowadays. Through this analysis it is possible to conclude that there is a direct relation between the biblical passages where the term *'eḇen hā'ēzer* is mentioned, although the meaning to be applied in them is quite different. It is also an episode that inaugurates Samuel's ministry to the people, hal- lowing him as the great spiritual leader, a man who has rescued the people's faith and devotion to the Lord.

Keywords: Bible. Hebrew. Narrative Genre. 1Samuel 4 and 7.

INTRODUÇÃO

Os gêneros literários da Bíblia são importantes para a análise de um texto bíblico, contribuindo, em muitos casos, para sua compreensão teológica. Grant Osborne afirma que o gênero literário da Bíblia fornece um conjunto de matizes descritivas que depuram os princípios exegéticos gerais, permitindo ao intérprete maior exatidão na descoberta do significado original.⁴

A interpretação correta de um texto é o objetivo final da maior parte dos estudiosos da Bíblia para que não faça uma exposição equivocada ou tendenciosa de determinada passagem. É para que isso aconteça, a compreensão do gênero literário é, como escreve Osborne, algo fundamental.

Neste artigo analisa-se o gênero literário narrativo, distinto do que hoje se entende como tal porque o texto bíblico é de um período muito diferente do atual, com um estilo muito particular, próprio do seu tempo. Robert Alter afirma:

Diante dos textos compostos da Bíblia, às vezes temos descontinuidades, duplicações e harmonizações que não se harmonizam facilmente com as nossas hipóteses acerca da unidade literária. [...] Os autores e redatores bíblicos trabalham com noções de unidade bastante diferentes das nossas.⁵

A perícopes a ser analisada tem relação também com o costume de mencionar determinada palavra como uma expressão de vitória e conquista. “Ebenezer” é, certamente uma das palavras hebraicas que mais nomeia templos evangélicos no Brasil, não importando a denominação ou região do país. Retirada de seu contexto, tem um sentido popular de “acompanhamento abenço-

⁴ OSBORNE, G. R. *A Espiral Hermenêutica*. Tradução de Daniel de Oliveira, Robison N. Malkomes e Sueli Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 230.

⁵ ALTER, R. *A Arte da Narrativa Bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 200.

ador de Deus”, sugerindo a aprovação do Senhor diante do que tem acontecido com aquela pessoa ou comunidade. No entanto, as palavras que compõem a referida expressão aparecem apenas três vezes no texto bíblico e encerram em seu contexto narrativo algo mais profundo e relevante não só para a compreensão da expressão em si, mas também para a vida espiritual.

Inicialmente deve-se destacar a etimologia da palavra: “Eben-ezer”, como palavra, não existe no texto hebraico; trata-se de duas palavras, *'eben* (pedra) e *'ēzer* (ajuda). Entre elas há o artigo definido *hā*, que em hebraico pode ser de gênero masculino ou feminino, singular ou plural, devendo ser definida pelo seu contexto. A primeira palavra desta dupla está no construto, por isso a expressão toda deve ser traduzida por “pedra de ajuda”, um substantivo comum. A expressão “até aqui nos ajudou o Senhor” foi dita por Samuel, lembrando ao povo um importante momento que havia sido vivido por eles e como Deus os havia cuidado.

20

Como foi dito anteriormente, *'eben hā'ēzer* aparece em três textos bíblicos. A primeira vez em 1Samuel 4.1, no qual se lê: “Veio a palavra de Samuel a todo o Israel. Israel saiu à peleja contra os filisteus e se acampou junto a *Ebenézer*; e os filisteus se acamparam junto a Afeca”.⁶ Em 1Samuel 5.1 está escrito: “Os filisteus tomaram a arca de Deus e a levaram de *Ebenézer* a Asdode”. Finalmente, em 1Samuel 7.12, no verso mais conhecido, lê-se o seguinte texto: “Tomou, então, Samuel uma pedra, e a pôs entre Mispa e Sem, e lhe chamou *Ebenézer*, e disse: Até aqui nos ajudou o SENHOR”.

⁶ Todas as citações bíblicas foram extraídas da BÍBLIA. Bíblia de Estudo de Almeida Revista e Atualizada. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005 - Versão eletrônica. Logos Software.

1. A DIFERENÇA A PARTIR DO TEXTO HEBRAICO

Há detalhes que contribuem para a melhor compreensão deste texto. Em primeiro lugar, há diferença entre traduções, especialmente as mais recentes, na divisão do texto bíblico: As traduções mais antigas (Revista e Corrigida e Revista e Atualizada) relacionam no mesmo verso a liderança espiritual de Samuel e o início da narrativa da batalha, da seguinte forma (4.1): “E veio a palavra de Samuel a todo o Israel; e Israel saiu ao encontro, à peleja, aos filisteus e se acampou junto a Ebenézer; e os filisteus se acamparam junto a Afeca”.

O texto, conforme se encontra, sugere que o ataque foi inicialmente comandado por Samuel. Carl e Delitsch Keil⁷ são dois autores que consideraram que Samuel esteve à frente desta batalha. No entanto, exegeticamente essa afirmação não se sustenta, como será observado mais adiante. Para evitar essa interpretação, algumas traduções inglesas há muito que iniciam a segunda parte do verso pela expressão “então”, dando ao texto um sentido mais de acordo com a realidade.⁸

A divisão tradicional⁹ deste texto na língua portuguesa segue conforme se encontra no hebraico.¹⁰ No entanto, há diferentes disposições em outras traduções bíblicas e aqui são apresentados três casos de traduções em português:

- a) a Nova Tradução na Linguagem de Hoje¹¹ optou por colocar a expressão: “E a palavra de Samuel era respeitada por todo o povo de Israel” encerrando o capítulo três,

⁷ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. Comentario al Hebreo del Antiguo Testamento. Tradução de Ivo Tamm. Viladecavalls: CLIE, 2008, vol. 1, 1402 p.

⁸ SPENCE-JONES, H. D. M. The Pulpit Commentary: 1 Samuel. London; New York: Funk & Wagnalls Company, 1909. Logos e-book, p. 85.

⁹ As traduções Revista e Corrigida (2005), Revista e Atualizada (1991) e Nova Almeida (2017) seguem a divisão tradicional do texto.

¹⁰ BÍBLIA. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: German Bible Society, 1997.

¹¹ BÍBLIA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005 - Versão eletrônica. Logos software.

enquanto que a menção ao confronto entre os povos mencionados inicia o capítulo 4, como se encontra atualmente na Septuaginta (LXX)¹²;

- b) a versão de Almeida Século XXI¹³ dividiu o assunto com um parágrafo visualmente identificado, embora mantenha o versículo;
- c) a Nova Versão Internacional¹⁴, fez o mesmo que a tradução Almeida Século XXI.

A separação do verso respeita a sinalização massorética através do *‘atnah* debaixo do substantivo próprio “Israel” no início do capítulo quatro, sugerindo uma divisão de tema e mudança de assunto. No texto da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) é ainda possível encontrar as letras a e b, que a *Masora Magna* indica esse intervalo em mais de vinte manuscritos (literalmente: *mlt Mss interv*).¹⁵

Em termos gramaticais há, ainda, a divisão do texto em duas partes distintas com o Vayctol, terceira pessoa do masculino singular (*lit.* “E saiu Israel...” na parte *b* de 1Samuel 4.1, nas versões tradicionais) no hebraico, que também permite interpretar que o assunto inicia em um novo contexto; uma última razão para esta separação de assunto neste verso é pela própria narrativa: o conteúdo tratado no texto muda totalmente e Samuel, embora mencionado como um líder que despontava, não é uma figura de destaque neste primeiro momento do relato.

Outro ponto a destacar é a palavra traduzida para o português por “Ebenezér”: no primeiro caso (4.1), era apenas um local que fazia fronteira com o território dos filisteus, tratando-se de um substantivo comum. Isso se justifica pelo artigo definido no

¹² BÍBLIA. Septuagint With Logos Morphology. Stuttgart: Deutche Bibelgesellschaft, 1979. E-book.

¹³ BÍBLIA. Bíblia Almeida Século 21. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010. 1290 p.

¹⁴ BÍBLIA. **Nova Versão Internacional**: edição Trilingue. Santo André: Geográfica, 2011. 1867 p.

¹⁵ BÍBLIA. Biblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: German Bible Society, 1997.

hebraico: *hā'ēben hā'ēzer*¹⁶, podendo ser dito que os israelitas se encontravam *na pedra de ajuda*. Se fosse substantivo próprio não haveria o artigo, característica do hebraico bíblico; em 5.1, porém, a expressão pode ser traduzida por “Os filisteus tomaram a arca de Deus e a levaram *da pedra de ajuda* a Asdode” (tradução do autor) porque o local já era do conhecimento do ouvinte.

Quanto ao local mencionado em 1Samuel 7.12 (hoje desconhecido), no caminho entre Shen¹⁷ (local também incerto) e Mitspah, uma estrada importante à época, havia uma distância de aproximadamente 30 quilômetros até à fronteira com o povo inimigo e, por isso mesmo, não se trata da mesma região.¹⁸

Há uma tradução diferente no texto de 1Samuel 4.1: na BHS, diz o texto na parte *b*: “E saiu Israel para o encontro dos filisteus para a guerra...” (tradução do autor); na LXX, porém, lê-se: “E aconteceu naqueles dias e [que] se reuniram os filisteus para guerrear contra Israel” (tradução do autor). No texto da BHS, a iniciativa é de Israel; no texto da LXX, aparentemente, quem tomou a iniciativa da batalha foi o povo filisteu; no verso dois, tanto a LXX como a BHS apresentam a mesma ideia: “E alinharam-se os filisteus para a batalha contra Israel...”. Mas também é possível ler em 4.1 da LXX: “...e saiu Israel ao encontro deles para a batalha” (tradução do autor). A pergunta que se faz é de quem foi a iniciativa do conflito.

O fato de haver menção à atitude dos filisteus antes da ação dos israelitas, não indica que foram eles que iniciaram o confronto, pois o contexto sugere que Israel estava na liderança do embate: o povo perguntou aos anciãos o motivo da derrota (v.3, tanto na BHS, como na LXX). Foram eles que se prepararam para contra atacar depois que a arca da Aliança chegou ao acam-

¹⁶ Na passagem de 1 Samuel 5.1 a preposição *min* torna-se *me* devido a que antecede a uma gutural e, portanto, de *hireq*, passa a *tsere*. Para mais detalhes sobre os prefixos reduplicados e suas exceções, consulte JOÛON, P.; MURAOKA, T. Gramática del Hebreo Bíblico. Tradução de Miguel Pérez FERNÁNDEZ. Estella: Verbo Divino, 2007, p. 352.

¹⁷ Bíblia. Septuaginta, 1979, traduz “palaias”.

¹⁸ Há quem afirme que o local mencionado em 4.1 e em 5.1, *'ēben hā'ēzer* seja, na verdade uma cidade chamada 'Izbet Sartah. Não há, porém, unanimidade a respeito.

pamento (v. 3, também nas duas traduções) e, finalmente, eles se animaram com a chegada da arca (v.5, LXX e também na BHS).

2. PARALELOS ENTRE AS DUAS NARRATIVAS

Embora a narrativa entre os dois *'eḇen hā'ēzer* descreva a trajetória da Arca da Aliança nas mãos dos filisteus, assim como o castigo de Deus contra os inimigos que a tomaram considerando-a um troféu, as duas perícopes têm paralelos que as unem e são relatos do início e do fim de um período. É possível perceber diferenças e semelhanças apresentadas pelo autor, levando o ouvinte daquele tempo a compreender que estas se complementam, indo muito além da descrição dos incidentes que a arca da Aliança teve. No tempo em que o texto foi escrito, as repetições em diferentes momentos tinham um propósito.¹⁹

2.1 A CONDIÇÃO ESPIRITUAL DA LIDERANÇA DO POVO

24

Um primeiro paralelo que se pode encontrar entre os textos é a situação espiritual da liderança do povo. O livro de Juízes descreve a relação dos israelitas quanto aos assuntos espirituais: eles se encontravam espiritual e politicamente desorganizados, sem um líder que pudesse unificar o povo em torno de si e orientá-los convenientemente (Juízes 17.6, 18.1, 19.1). O escritor de Juízes é claro: “cada um fazia o que bem entendia” (Juízes 21.25). Em 1Samuel 3.1 também é possível perceber a condição espiritual através da descrição que o narrador faz: “(...) Naqueles dias, a palavra do SENHOR era mui rara; as visões não eram frequentes”.

Considerando a narrativa anterior ao episódio de *'eḇen hā'ēzer* em 4.1, é possível constatar que a liderança estava profundamente envolvida com erros e pecados (1Samuel 2.12-16; 22-25; 27-36). A direção espiritual cabia aos filhos de Eli, sentenciados por Deus a um fim trágico, bem como ao fim de seu

¹⁹ ALTER, 2007, p. 95.

ministério (1Samuel 2.34-35).²⁰ Aqueles que estavam à frente do povo não apresentavam os requisitos espirituais para ocuparem essa posição tão importante diante do povo.

Em contrapartida, o líder que se apresentou vinte anos depois de 1Samuel 4, na batalha descrita em 1Samuel 7.7-11, foi Samuel (7.2), alguém que reunia as características que o povo buscava em seus guias espirituais: ele tinha credibilidade desde a sua juventude diante do povo e era reconhecido como alguém enviado por Deus. O profeta, desde cedo começou a ser respeitado pelo povo, como se lê em 1Samuel 3.19-4.1 [3.21]:

Crescia Samuel, e o SENHOR era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do SENHOR. Continuou o SENHOR a aparecer em Siló, enquanto por sua palavra o SENHOR se manifestava ali a Samuel.

A palavra “confirmado” no original envolve também estar estabelecido, ser digno de crédito. Samuel conquistara uma autoridade moral e espiritual que o povo necessitava e buscava. No entanto, a liderança de direito ainda estava nas mãos de Eli e seus filhos; a eles foi solicitada a ajuda para esta batalha.

2.2 A RELAÇÃO DE “AUTOSSUFICIÊNCIA” DO POVO

O texto hebraico afirma que em *hā'eḇen hā'ēzer* de 1Samuel 4.1, o povo de Israel tomou a iniciativa e saiu à luta para enfrentar um poderoso inimigo em suas fronteiras. O texto da BHS diz: “E saiu Israel ao encontro dos filisteus para a batalha (...)”. como abordado anteriormente, foram eles que decidiram atacar o adversário. Foram eles também que encontraram a resposta pela sua derrota por não estarem com o Senhor nesse primeiro confronto, por isso decidiram trazer os sacerdotes e a arca

²⁰ Segundo 1 Reis 2.26-27,35, essa profecia foi cumprida com Zadoque, substituído por Salomão, em lugar de Abiatar, que pertencia à família de Eli.

da Aliança para o campo de batalha (1Sm 4.3,4). A felicidade e a certeza de que haveria sucesso em um segundo confronto foi evidenciada pela gritaria de alegria, a ponto de os filisteus ouvirem essa euforia. Os gritos, porém, aparentemente expressavam mais uma confiança num talismã, que efetivamente a certeza da presença de Deus²¹.

A reação dos filisteus foi exatamente o oposto daquilo que se esperava. Como resposta à presença dos deuses (4.8), os filisteus se animaram e atacaram os israelitas. Estes foram novamente derrotados, perdendo homens e até mesmo a arca da Aliança (4.7-10).

“Vinte anos depois”, é um período de tempo mencionado na continuidade e que quase passa despercebido pelo leitor. Trata-se de um tempo em que a narrativa se reinicia, mas também mostra que durante esse período o povo voltou-se para o Senhor Deus em demonstração de arrependimento e confissão. A LXX enfatiza que “toda a casa de Israel se voltou atentamente para o Senhor” (1Sm 7.2).

“Vinte anos depois”, é também uma mudança de postura do povo de Israel: sob a liderança de Samuel, o povo busca o arrependimento (1Sm 7.2). A palavra, identificada na *massora parva* como um *hápax legomenon* mostra a sinceridade de “toda a casa de Israel”.²² E, aproveitando esse momento, Samuel conduziu o povo para confissão, quebrantamento e consagração. O povo demonstrou profundo desejo de mudança e de converter seus caminhos para Deus. Era a autossuficiência deixada de lado pelo reconhecimento de que o distanciamento do Senhor havia fracassado. O local escolhido para esse encontro solene foi o mesmo onde no passado o povo, então sem liderança e sem consultar ao Senhor, havia também se reunido, mas para lutar contra Benjamim (Jz 2.1-48), quase eliminando essa tribo.

²¹ VANGEMEREN, W. A. *New International Dictionary of Old Testament, theology & exegesis*. Grand Rapids: Zondervan, 1997, vol 3, p. 1082.

²² A palavra é rara no AT, mais comum em relatos extra bíblicos. VANGEMEREN, 1997, Vol. 3, p. 43.

Se no combate descrito em 1Samuel 4.1 os israelitas iniciaram a batalha; em 1Samuel 7 são os filisteus que, ao ouvirem que o povo estava reunido, tomam a iniciativa do confronto. O texto de 1Samuel 7.7,8 descreve assim o ocorrido:

Quando, pois, os filisteus ouviram que os filhos de Israel estavam congregados em Mispa, subiram os príncipes dos filisteus contra Israel; e que ouvindo os filhos de Israel, tiveram medo dos filisteus. Então, disseram os filhos de Israel a Samuel: Não cesses de clamar ao SENHOR, nosso Deus, por nós, para que nos livre da mão dos filisteus.

No primeiro combate, os anciãos de Israel conduziram o povo em sua fracassada estratégia. Neste novo confronto, são os príncipes dos filisteus que decidem conduzir seus homens para a guerra. Anteriormente, de maneira prepotente, o povo havia saído para o embate; agora, com um novo coração, o povo clama ao Senhor por misericórdia através de seu profeta (1Sm 7.8), e Deus se manifestou: desta vez era Ele, não o povo, que fazia ruídos “com grande voz” (*qôl-gâdal*) sobre (ou contra) os filisteus. É interessante observar que a LXX²³ traduziu exatamente a mesma expressão para descrever os gritos do povo (em 4.5), como também os fortes trovões vindos de Deus (*forte voz*, no original hebraico) mencionados em 7.10: *phônê megalê*, ambos no dativo feminino singular: era Deus quem assumia o protagonismo.

E a arca da Aliança? No primeiro confronto, mencionado em 1Samuel 4.1, a arca, o símbolo da presença de Deus, estava a aproximadamente trinta quilômetros de distância (Siló – Ebenezer). No entanto, em 1Samuel 7.7 a arca da aliança estava a menos de quinze quilômetros de distância (de Quirate-Jearim, mencionado em 1Samuel 7.1,2 a Mispa, mencionado em 1Samuel 7.7). O que se quer evidenciar aqui é que, de fato, a fé do povo estava agora depositada no Senhor e o seu profeta iria ser usado para trazer a libertação ao povo. Mais do que as questões

²³ BÍBLIA, Septuaginta, 1979.

geográficas, facilmente compreendidas pelo ouvinte da narrativa, o que estes locais queriam enfatizar era a confiança do povo no Deus de Israel. A arca da Aliança deixava de ser compreendida como um amuleto; em vez disso, o Deus que ela representava estava a ser buscado com sinceridade e fé. Ainda que desta vez estivesse mais próxima do povo, ela não foi mencionada, não foi requisitada, pois o Senhor estava efetivamente com o povo de Israel. No final, os filisteus sofreram a derrota.

Encerrando a narrativa, o autor apresenta um futuro estável para o povo através da liderança do profeta, ao escrever em 1Samuel 7.14-17:

As cidades que os filisteus haviam tomado a Israel foram-lhe restituídas, desde Ecrom até Gate; e até os territórios delas arrebatou Israel das mãos dos filisteus. E houve paz entre Israel e os amorreus. E julgou Samuel todos os dias de sua vida a Israel. De ano em ano, fazia uma volta, passando por Betel, Gilgal e Mispa; e julgava a Israel em todos esses lugares. Porém, voltava a Ramá, porque sua casa estava ali, onde julgava a Israel e onde edificou um altar ao SENHOR.

28

O texto menciona os filisteus, mas também os amorreus: a paz foi completa, um final digno do início de ministério de um profeta como o de Samuel. Depois de um período conturbado, a expressão soa como um bálsamo. Essa frase de estabilidade é também utilizada em diversas passagens no livro de Juízes para mostrar um período de paz.

2.3 'EBEN 'EZER DE ANTES E DEPOIS

Samuel decidiu que aquela vitória merecia uma lembrança da ação de Deus em favor de seu povo e mandou que uma pedra fosse colocada no caminho entre Mispá e Shem, uma importante estrada que ligava o sul ao norte do território (1Sm 7.12). A oração tem o substantivo indefinido (literalmente *uma pedra*),

mas pelo fato de ter explicitamente o cardinal “uma”, O’Connor sugere que se refira a algo bem específico:

Um é o cardinal mais adjetival, embora possa parecer como um substantivo. Quando usado como um adjetivo atributivo, seguindo o substantivo que o modifica, ele tem uma variedade de sentidos. Depois de um substantivo o sentido é na maioria das vezes indefinido, mas específico.²⁴

Considerando as características do hebraico nesse sentido, seria interessante traduzir *’eben ’aḥat* por “uma certa pedra”, dando-lhe ao mesmo tempo um sentido indefinido, mas também mais apropriado ao que o texto quer dizer. Devido à proximidade do local da guerra com a escolha do lugar onde a pedra foi colocada, é bem possível que esta seja também uma identificação geográfica, sugerindo que a pedra marcava um lugar que queria dizer: “Até aqui [neste limite] nos abençoou o Senhor”, em uma clara referência ao momento histórico que estavam vivendo. Seria um marco identificando um lugar físico. Provan, citando Gordon, confirma uma delimitação geográfica, mas também uma identificação sob o aspecto espiritual. Segundo ele, isto queria dizer que “[...] até este ponto da história de Israel Yaweh tem sido o seu ajudador”.²⁵ Desta forma há a possibilidade daquela pedra passar a servir como memorial do livramento que Deus deu a Israel. Ao voltarem os olhos para aquela pedra viria à lembrança dos Israelitas o livramento divino.²⁶

R. Jamieson sugere que nessa pedra escreveram a frase: *’eben hā’ēzer*²⁷. No entanto, a Bíblia fala de pedras memoriais utilizadas para lembrar algum evento relevante, como a pedra de Jacó (Gn 28.18, 19), o pacto entre Labão e Jacó (Gn 31.45–52),

²⁴ WALTKE, B. K.; O’CONNOR, M. Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico. Tradução de Adeleir Garcia Esteves, Fabiano Antonio Ferreira e Roberto Alves. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 273-274.

²⁵ GORDON, R. P. In: PROVAN, I.; LONG, V. P.; LONGMAN III, T. Uma História Bíblica de Israel. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 311.

²⁶ GUSO, A. R. Os Livros Históricos: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2011, p. 62-63.

²⁷ JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997, p. 179.

as doze pedras levantadas no meio do rio Jordão que o povo atravessou sob a liderança de Josué (Js 4.9 e 20-24), as pedras afirmando o compromisso renovado pelo povo diante de Deus (Js 24.26); em nenhum destes casos menciona-se o registro de seu nome no monumento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos bíblicos analisados mostram conexões interessantes: em um primeiro estágio, a guerra foi perdida, os inimigos filisteus sagraram-se vencedores e a arca da Aliança foi levada por eles como um prêmio de vitória, demonstrando também a derrota do Deus de Israel. A narrativa, se não tivesse a sua sequência, demonstraria que não houve reação alguma ao fato ocorrido. No entanto, nos capítulos imediatamente seguintes (cinco e seis), a arca da Aliança foi recuperada de forma humilhante para o povo filisteu. Restava, para o ouvinte daquela época, conhecer o desfecho da história relacionado ao povo de Israel.

30

Ainda que separados por outra história, o capítulo 7 retoma o assunto pendente “vinte anos depois” da derrota sofrida. Considerando que no tempo em que o Antigo Testamento foi escrito, os escritores hebreus tinham a intensão de revelar, mediante o processo narrativo, a realização dos propósitos divinos nos acontecimentos históricos²⁸, faltava a narrativa da manifestação divina.

O capítulo 7 encerra de forma bem-sucedida o que foi iniciado no capítulo 4, exaltando em primeiro lugar a Deus, que aceita o pedido de perdão e as súplicas, que age com voz poderosa e dá vitória ao povo; igual sucesso teve o profeta Samuel, que a partir desse episódio se firma como o porta-voz de Deus junto ao povo e também como o emissário do povo junto a Deus. A narrativa tem um fechamento de paz junto às nações da região, que caracteriza o encerramento do gênero literário narrativo.

²⁸ ALTER, 2007, p. 59.

As aparentes coincidências, na verdade levavam o ouvinte a compreender que os episódios tinham relação entre si e a demora em sua conclusão era como deixar no ar e gerar uma expectativa para o desfecho da passagem, uma característica do gênero narrativo no texto hebraico. A qualquer um lhe interessaria saber como terminaria o episódio envolvendo o povo de Deus e um lugar em que havia uma certa *’eben hā’ēzer*.

A expressão analisada, como mencionado anteriormente, refere-se a duas regiões; em uma delas, um lugar onde havia uma pedra que representou um marco na história do povo. No entanto, *’eben hā’ēzer* tem um significado muito mais relevante se observado sob o aspecto espiritual, porque representou uma conversão, mudança de atitude e dois momentos bastante diferentes: o primeiro, no qual “pedra de ajuda” foi o lugar que teve apenas uma conotação religiosa, para cumprir regulamentos, mas sem uma profunda relação com Deus; e o segundo, quando se viveu uma experiência marcante, de menos religiosidade e maior dependência do Senhor.

Ainda que o objetivo do presente artigo tenha sido apresentar o estilo narrativo do Antigo Testamento, há também, desde uma perspectiva espiritual, um ensino relevante para a pessoa temente a Deus: os episódios estudados são também utilizados para mostrar a condição do povo antes e depois do ministério de Samuel ter início. No capítulo quatro, como mencionado anteriormente, o ouvinte encontra uma liderança vivendo uma religiosidade superficial e, conseqüentemente, o povo caminhando de forma equivocada diante de Deus. No capítulo sete, porém, após um período de consagração e busca da presença do Senhor, o líder que encabeça a vitória e o tão desejado “final feliz” é Samuel, aquele que desde cedo havia sido separado para o serviço de Deus. As narrativas mostram muito bem a importância de Samuel em um período de necessidade de referenciais; Samuel é um homem de Deus, que leva o povo a buscar ao Senhor e, ao mesmo tempo, tem uma vida correta diante dele.

A expressão “Ebenezer” faz o leitor de hoje, em muitos momentos, desviar-se do foco da narrativa: a “pedra de ajuda” é um marco no sentido de conversão, mudança de atitude. Ela representa a fé e a dependência em Deus, simboliza uma vida de obediência e consagração. Esse é o âmago da questão sob o aspecto espiritual.

REFERÊNCIAS

ALTER, R. **A Arte da Narrativa Bíblica**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 285 p.

BÍBLIA. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: German Bible Society, 1997.

BÍBLIA. **Bíblia Almeida Século 21**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010. 1290 p.

32

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo de Almeida Revista e Atualizada**. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005 - Versão eletrônica. Logos Software.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada. Almeida Revista e Corrigida**. 4.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995. Logos software.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil (Nova Almeida Atualizada)**. 3.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. 1800 p.

BÍBLIA. **Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005 - Versão eletrônica. Logos software.

BÍBLIA. **Nova Versão Internacional**: edição Trilingue. Santo André: Geográfica, 2011. 1867 p.

BÍBLIA. **Septuagint With Logos Morphology**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979. E-book.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible**. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997. Logos e-book.

JOÜON, P.; MURAOKA, T. **Gramática del Hebreo Bíblico**. Tradução de Miguel Pérez FERNÁNDEZ. Estella: Verbo Divino, 2007. 874 p.

GUSSO, A. R. **Os Livros Históricos**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2011. 130 p.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Comentario al Hebreo del Antiguo Testamento**. Tradução de Ivo Tamm. Viladecavalls: CLIE, 2008. Vol. I, 1402 p.

OSBORNE, G. R. **A Espiral Hermenêutica**. Tradução de Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes e Sueli Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 767 p.

PROVAN, I.; LONG, V. P.; LONGMAN III, T. **Uma História Bíblica de Israel**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016. 494 p.

SPENCE-JONES, H. D. M. **The Pulpit Commentary**: 1 Samuel. London; New York: Funk & Wagnalls Company, 1909. Logos e-book.

VANGEMEREN, W. A. **New International Dictionary of Old Testament, theology & exegesis**. Grand Rapids: Zondervan, 1997. Logos e-book.

WALTKE, B. K.; O'CONNOR, M. **Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico**. Tradução de Adeleir Garcia Esteves, Fabiano Antonio Ferreira e Roberto Alves. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 784 p.

